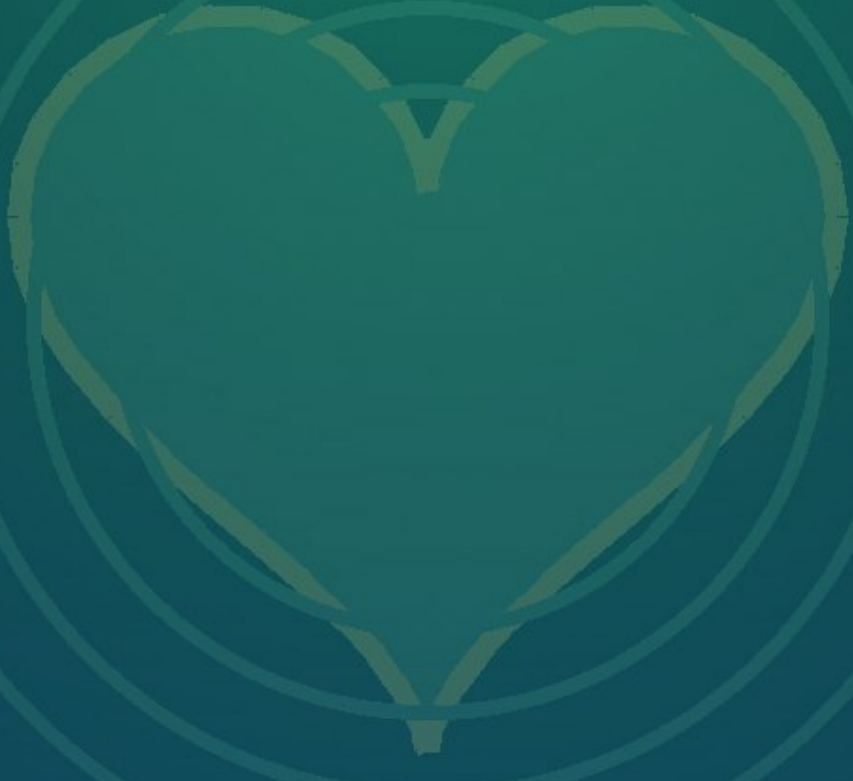
Os meus amores: contos e balladas

Trindade Coelho



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Os meus amores: contos e balladas

Trindade Coelho

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Ricardo F. Diogo (Spelling modernization of the original version, already available at Project Gutenberg: #17503; Actualização ortográfica da versão original, já disponível no Project Gutenberg.)

OS MEUS AMORES

TRINDADE COELHO

OS MEUS AMORES

(Contos e Baladas)

2.^a edição

LISBOA

Livraria de António Maria Pereira

50, 52--Rua Augusta--52, 54

1894

LISBOA

Tipografia e Estereotipia Moderna

11--_Apóstolos_--11

Ao Doutor

António Xavier Perestrelo

«_Os Meus Amores_»

_Folhas dispersas dos meus anos de ouro,
Vivo enxame das minhas alvoradas,
Tenho zelos de vós, folhas sagradas,
As Desdémonas sois de um outro mouro.

As brancas horas que eu em sonhos douro,
Essas horas febris, iluminadas,
Ei-las fugindo, em tristes debandadas...
Levais nas asas todo o meu tesouro.

Folhas: subi, voai ao céu tão alto,
Que o céu em estrelas vos converta e mude,
Lá nas longínquas ilusões que exalto;

Como as frementes águas de um açude,
Levai a Deus, no derradeiro salto,
O derradeiro adeus da juventude_...

Luís Osório.

IDÍLIO RÚSTICO

A Fialho de Almeida.

Quando atravessou a povoação, rua abaixo, com o rebanho atrás dele, era ainda muito cedo. Ao longo das ruas tortuosas, as portas conservavam-se fechadas, e não vinha das habitações o mais insignificante ruído. Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas. Apenas algum cão, subitamente acordado em sobressalto pelo

chocalhar do rebanho, ladrava do alto dos escadórios de pedra onde ficara de sentinela, ou de dentro das curraladas, onde levara a noite fazendo companhia aos novilhos. Donde em onde, galos madrugadores entoavam matinas sonoras, que eram como risadas vibrantes de boémios, nalguma estúrdia, a desoras...

Mas passadas as últimas casas, o silêncio condensava-se para toda a banda, numa grande pacificação de templo adormecido. Nem vivalma pela ladeira que levava ao rio, por um caminho em zig-zags. Fulgiam no céu azul-escuro cardumes prateados de estrelas. A toda a largura, a paisagem era torva e indecisa, imersa numa luz muito mortiça que nem era bem a da madrugada, nem era bem a da noite. No entanto a manhã era calma; nem rumores de brisa pela rama das azinheiras velhas que faziam guarda ao córrego por onde o rebanho tomara. Cigarras, grilos nas ervagens, rãs que coaxavam nas regueiras, era o mais que se ouvia acima do rumor brando dos chocalhos. Nem um balido de ovelha em todo o rebanho que se ia submissamente à mercê do pequeno pastor, parando se ele parava a colher as amoras frescas dos silvados, recomeçando marcha se de novo ele se punha a caminhar.

Quando passou rente ao meloal da fidalga, ouviu-se o ruído de um tiro, que o eco levou para longe.

--Não gastes pólvora, António!--recomendou o pastor.--Ouviste?

E logo a voz do guardador:

--Madrugas hoje, Gonçalo!

--P'ra que saibas: cá um homem não tem medo.

--Está bem. Adeus!

--Saudinha.

A esse tempo ia-se já definindo a manhã, na luz, no som, na cor. Invadia a amplidão da cúpula celeste uma tinta alvacenta, onde as estrelas feneciam no seu brilho. Ao alto, na ladeira de além, entravam de fazer-se nítidas as linhas sinuosas das cristas, onde enormes rochedos tinham altitudes de uma imobilidade misteriosa e sinistra... Neste assomo de alvorada, as coisas iam despertando lentamente para a alacridade vigorosa da luz. Das moitas e sebes, calhandras em bandos levantavam-se repentinamente, em voo perpendicular, e cortavam ares fora, chilreantes e alegres, até se perderem de vista por detrás dos arvoredos e cabeços. De cauda em riste e orelhas imóveis, o rafeiro espreitava as ervagens secas, onde algum réptil passasse vagaroso.

--Busca, Turco!--fazia-lhe o Gonçalo que tinha medo às cobras.--Busca, valente!

À medida que descia a ladeira, um marulhar monótono de águas ouvia-se, mais e mais distinto. Era o rio que parecia perto; mas primeiro que lá se chegasse ainda era preciso andar... Era um poder de passos e de paciência,--reflectia o pastor, a quem aborreciam de morte os intermináveis torcicolos da vereda. Ia andando, descendo sempre, à frente do rebanho silencioso. E quando os sapatos começaram de calcar areia, e ali, perto, o rio lampejava, sob aquele céu ainda estrelado, o Gonçalo desabafou:

--Uff! até que enfim!--E pensava aliviado:--Nada mais fácil do que terem-me saído os lobos!...

Mas vista àquela hora, e no meio de tal silêncio, a corrente líquida tinha o que quer que fosse de sinistro, que evocava lembranças

aterradoras, espectros dos que ali mesmo tinham morrido afogados, numa luta desesperada com as águas, clamando em vão que lhes acudissem, em tamanho transe aflitivo. A margem de lá, especialmente, era toda acidentada de rochedos informes, blocos medonhos, por entre os quais no Inverno o vento assobiava lúgubre, e as águas faziam remoinho, o que era um perigo para os pobres barcos que se aventurassem incautos, num descuido involuntário--simples remadela pouco a tempo, manobra menos segura de leme, ou impulso errado de vara.

E então, cabeços enormes de um lado e doutro, projectando sobre o largo leito do rio a sua sombra pesada e desconforme, que mais triste fazia o sitio e parece que mais solitário, pois fechavam-no bruscamente, fazendo limitada a paisagem.

A todo o comprimento da margem, o rebanho pôs-se então a beber manso e manso, e sem o mínimo ruído.

Foi quando o Gonçalo acabou de se convencer que na margem de lá, um pouco mais abaixo, outro rebanho bebia também.

--Tate, Gonçalo! Aquela chocalhada...

E imóvel, remordendo o lábio, com o ouvido à escuta, pensava:

--Ora se será ela?...

Súbito, estremeceu. Ante o seu espírito infantil perpassou, como um clarão de relâmpago, a imagem de uma rapariga, pastora como ele, com quem se havia encontrado mais vezes, mas que havia muito não vira.

--Ai, se fosse a Rosária!... dizia consigo.

E impondo silêncio ao rebanho, que acabara de beber, pôs-se atentamente à escuta do tilintar dos chocalhos na margem oposta.

«O rebanho parecia o mesmo, lá isso... Agora o pastor é que podia ser outro que não a Rosária...»

Senão quando, uma ideia lhe acudiu que o fez sorrir de contente. Atirou ao chão a manta e o marmeleiro, e puxando para diante o bornal, feito da pele de uma ovelha branca, morta pelas segadas, tirou de lá a sua flauta e pôs-se a tocar apressadamente um trecho de cantiga rústica.

No mesmo instante, uma voz muito sonora gritou-lhe:

--Eh lá, Gonçalo, és?

O pastor desatou a rir.

--Uh lá, Rosária, eu mesmo! Guarde-te Deus, pimpona!

E logo a voz fresca da rapariga lembrou:

--Não te esqueceu a moda, rapaz!

--Isso esquece ela!... Ouviste, Rosária?--Se outra fosse que ma tivesse ensinado...

Neste meio tempo já o Gonçalo retomara a manta e o marmeleiro para ir ter com a Rosária. Mas primeiro perguntou:

--Boto pela ponte, ou és tu que vens, ó cachopa?

--Vem tu daí. Por cá sempre é outra coisa p'r'as ovelhas. Hã?

--Basta!

E dando o sinal da partida, o Gonçalo pôs-se em marcha. Daí a

pouco, entrava mais o rebanho pela velha ponte mourisca, toda severa de construção nos seus três arcos lançados sem elegância, atufados de parasitas seculares que a faziam pitoresca, heras, silvas, ortigas bravas.

A meio da ponte, mão piedosa fizera construir pequeno oratório ao Senhor Salvador, cujo rosto sereno, espreitando por grades de arame, diziam dar coragem a barqueiros e almocreves, que ante o pequeno e humilde nicho com respeito se descobrissem, e com devoção rezassem uma velha prece que era como um talismã precioso para livrar de maiores desgraças--naufrágios no rio, e então maus encontros por aqueles caminhos escabrosos, que eram um perigo constante para homens e animais.

Daí a pouco, as duas crianças estavam perto uma da outra, cada qual seguida do seu rebanho.

--Ora viva a Rosária!--disse o pastor muito alegre, parando defronte da cachopa.

--Bons dias, Gonçalo; então que ventos?

Entre os dois travou-se então um longo diálogo em que se contaram tudo o que haviam feito desde aquele dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços.

--Por sinal que nem rês se vendeu!--lembrou o Gonçalo.

--Por sinal!--disse com pena a Rosária.

Mas ele contou que viera por ali muitas vezes, muitas, sempre na fé que a encontrava. «Vê-la agora, só por milagre de santo; quem o havia de sonhar! Nanja ele...»

--Mas se eu estive tão doente!--volveu triste a Rosária.

E como o outro acudiu a informar-se, ela explicou:

--Umas quartãs que me tiveram mondada! A peste as mate! Febre que era mesmo lume desde manhã até ao escurecer... Uma assim!

E na sua ingenuidade infantil, contou ao Gonçalo que muitas vezes, na febre, sonhara com ele, que se encontravam os dois por montes e prados, como agora tinha acontecido, «tal e qual».

--Assim te Deus salve, ó Rosária?--atalhou rápido o pastor, a quem enchiam de orgulho os sonhos daquela pequena amiga.

--Assim; pois que dúvida?--tornou-lhe confiada a Rosária.

--Não!--disse agastado o Gonçalo.--Não hás-de dizer assim... Diz certo, hás-de jurar direito.

--Pois assim me Deus salve...

--Como é verdade...--Diz tudo, Rosária!--suplicava o pastor.

--Sim, volveu-lhe paciente a companheira,--como é verdade que sonhava que nos encontrávamos--concluiu por fim, muito risonha.

E sem disfarçar o júbilo, prestes o Gonçalo a certificou de que também não a esquecera. «Tanto é que tirava da flauta as cantigas todas que ela lhe tinha ensinado.»

--Lembras-te?

A Rosária faz que sim com a cabeça. E logo, batendo na flauta de sabugueiro, o pastor apressou-se a declarar:

--Saem daqui sem falhar uma.--E resoluto:--Vá feito, Rosária, pede por boca!

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com